

ESTILOS PARENTAIS DE PAIS ADOTIVOS

MARINA COLOMBO AMARANTE

Psicóloga especializanda em Terapia Cognitivo-Comportamental FAMERP - SP

RESUMO

Temas como educação e estabelecimento de limites aos filhos, tanto biológicos quanto adotivos, têm se mostrado uma tarefa difícil, pois as famílias têm desenvolvido novas constituições. Os estilos parentais são práticas educativas utilizadas pelos pais nesta educação, podendo ser positivos ou negativos. Este estudo, fruto de monografia de bacharelado para graduação em psicologia na Universidade do Sagrado Coração, Bauru – SP no ano de 2008, sob a orientação da Professora PHD Maria de Lourdes M. Tabaquim, teve como objetivo investigar os estilos parentais de pais adotivos. Participaram 15 famílias adotivas, com filhos apresentando idade média de 11,4 anos, com período mínimo de convivência de 2 anos. Foi aplicado o Inventário de Estilos Parentais (GOMIDE, 2006). Verificou-se a presença da prática parental chamada Monitoria Negativa como a de maior incidência. As famílias pesquisadas se enquadram no estilo parental regular, considerado abaixo da média para esta população. As práticas educativas maternas foram as mais comprometidas. Conclui-se que famílias com filho adotivo apresentam dificuldades no estabelecimento de regras e limites, principalmente no que se refere à Monitoria Negativa e Disciplina Relaxada.

Palavras-chave: estilo parental, adoção, práticas parentais, família.

INTRODUÇÃO

A adoção tem passado por grandes avanços nos últimos anos e, com frequência, a mídia tem proporcionado reflexões sobre outras formas de se conceber a família. O tema tem sido mais debatido, o que promove ambientes menos preconceituosos e mais acolhedores a essas famílias. Com isso, surgem questões sobre o filho adotivo que, muitos desconhecendo ou acreditando, devem ser diferentes sobre o filho biológico, ou seja, a forma de educar o filho adotivo, ou contar sobre a adoção, bem como os mitos e preconceitos que este tema envolve.

Pais adotivos, em sua maioria, acreditam que por seu filho vir de uma condição diferente com possíveis vivências trágicas, devem cuidá-lo com mais “*mimos*” que os filhos biológicos, podendo gerar, assim, dificuldades futuras de determinação de regras e limites. As informações sobre a família biológica desta criança também amedrontam, pois acreditam que poderá herdar os “*genes ruins*” da família ou, então, que desejará posteriormente conhecê-los e abandonará a família que o adotou (Weber, 1999).

A adoção já passou por diversos momentos no Brasil. Vários autores (Weber 1999; Porto & Carvalho, 2000) relatam que, na Idade Média, a criança era vista como um ser sem alma, um miniadulto imperfeito, que provinha do pecado original de seus pais e que precisava ser combatido. Por isso que a educação era tão rígida, fazendo-se uso de palmatórias ou outros tipos de espancamento. Havia, também, naquele tempo, a “roda dos expostos”, na qual os pais abandonavam seus filhos sem se identificar. A princípio, esta roda teve uma proposta positiva,

pois diminuíram o número de infanticídios, mas ela demonstra uma preocupação dos pais com o bem estar próprio, não pensando em momento algum na qualidade de vida de seus filhos. Posteriormente, a adoção foi entendida como os “filhos de criação”, em que muitos pais entregavam para outras famílias educarem, porém, estas comumente o exploravam. Somente em 1930 surgiram os internatos, com a intenção de proteger as crianças de um mundo hostil e resguardar a sociedade da “convivência incômoda” delas.

Atualmente, as crianças adotadas, na maioria das vezes, vêm de uma condição socioeconômica inferior a de seus pais adotivos, o que gera preconceito e cria fantasias e mitos nessa relação. A maioria dos casos de adoção ainda é por motivo de infertilidade, sendo 85% dos casais em processo de adoção. Surge daí a exigência, no momento da adoção, dos pais quererem uma criança recém-nascida com características físicas semelhantes às suas (Weber, 2004).

A maioria das crianças aptas para a adoção vem de abrigos. Nestes, elas passam, em algumas vezes, por situações trágicas, mesmo em pouco tempo de vida. A quebra do convívio familiar biológico pode ocorrer de forma tão intensa, que pode resultar em prejuízos na personalidade e no desenvolvimento futuro destas crianças.

As relações familiares, biológicas ou adotivas, mesmo com modificações em sua composição tradicional, não apresentam diferenças quando se trata de educação de filhos. Maldonado (1987) discute que as famílias têm o compromisso de se responsabilizar pelo bem-estar uns dos outros, afirmando que isto acontece porque um grande número delas passou a se constituir sem a base dos “*laços de sangue*”, mostrando assim que os vínculos de amor e compromisso não dependem de parentesco.

Este estudo teve como proposta de verificar a maneira como pais estabelecem limites e educam seus filhos adotivos, através da avaliação do estilo parental predominante, numa amostra de famílias adotivas. Esta proposta se justificou, tendo em vista a literatura sobre este tema ser escassa. Estudos envolvendo estilos parentais ou práticas parentais educativas já foram realizados com outras populações, tais como jovens infratores, adolescentes, alunos de escolas particulares e públicas (Costa et al., 2000; Oliveira et al., 2002; Cecconello et al., 2003; Teixeira et al., 2006; Weber et al., 2006).

Schettini (2006) mostra que a adoção passa por vários momentos, sendo desde a entrada na fila até o momento da chegada da criança e que, durante este período, os pais vivenciam a “gestação psicológica”. Esta é necessária para a preparação dos pais para a chegada de um novo membro na família, podendo ser comparada com a gestação biológica, sendo importante um contexto familiar para a realização das adaptações necessárias para o desenvolvimento das crianças, incluindo a delimitação de limites e estabelecimento de regras.

As práticas educativas parentais têm sido objeto de estudo nas últimas décadas, principalmente no que se referem ao desenvolvimento infantil, aos problemas de comportamento e ao desempenho acadêmico das crianças (Marturano, Linhares & Parreira, 1993). Visto que estes temas têm se apresentado com maior frequência nos ambientes

frequentados pelas crianças, escolas e pais têm preocupado-se mais com um bom desenvolvimento de seus filhos, ampliando assim as pesquisas neste sentido.

A partir da década de 30, pesquisadores surgem com questões sobre a melhor maneira de educar a criança e quais as consequências que se pode ter a partir de uma educação com diferentes estilos parentais (Weber et al., 2004). Baumrind (1966) representa a grande referência de estudos posteriores (Costa et al., 2000; Oliveira et al., 2002; Cecconello et al., 2003; Teixeira et al., 2006; Weber et al., 2006), quando propôs o estilo parental *autoritativo* como sendo mais efetivo do que os estilos *autoritários* e permissivos. Para ele, o *autoritativo* é aquele que direciona as atividades da criança de maneira racional e orientada, incentiva o diálogo, compartilha o raciocínio implícito na sua ação, exerce firme controle dos pontos de divergência, colocando sua perspectiva de adulto, porém sem restringir a da criança. Seus trabalhos impulsionaram os estudos de estilos parentais, integrando os aspectos comportamentais e afetivos.

O uso de práticas coercitivas pode estimular e agravar um padrão inadequado de comportamento quando este padrão é, ao mesmo tempo, punido e reforçado. Para Catania (1999), o comportamento de crianças que costumam provocar os pais até serem punidas pode ser explicado pelo fato de que as punições (surras ou castigos) são geralmente seguidas pela atenção dos pais arrependidos. A atenção dos pais pode ser um reforçador poderoso, especialmente se em outras circunstâncias a criança não tem acesso a ela. Nesse caso, o efeito reforçador da atenção dos pais superaria o efeito de supressão do comportamento inadequado induzido pela punição, o que explicaria a prevalência e o agravamento deste padrão.

Hoffman (1994) apresenta que as estratégias coercitivas, que podem incluir a utilização de força, privações e ameaças, fazem com que as crianças controlem seus comportamentos, mas sem que estes sejam modificados, pois estas estarão somente evitando que as reações punitivas aconteçam. Para tanto, pais e mães avaliam seus filhos como “bem-comportados” quando estes, em meios sociais, não apresentam comportamentos inadequados.

Outro fato relevante apontado por Grusec e Lytton (1988) refere à inconsistência dos pais na punição ou reforço de um mesmo tipo de comportamento sem que exista um motivo adequado, visto que os pais não se mostram adequados ao punir e nem ao reforçar os comportamentos de seus filhos, ora punindo, ora não punindo um mesmo repertório, fazendo assim com que os filhos não incorporem as regras adequadamente, por não saberem qual comportamento é o correto.

Desta forma, constatou-se a importância da ampliação de estudos envolvendo a adoção, incluindo as práticas educativas parentais e as implicações no desenvolvimento, no comportamento e desempenho dos filhos adotados. Este estudo apresenta a fundamentação teórica sobre a adoção, as relações familiares e os estilos parentais. Por fim, são apresentados os resultados e discussão da aplicação do Inventário de Estilos Parentais (Gomide, 2006) em pais e filhos adotivos.

METODOLOGIA

Participantes

Participaram 45 sujeitos, sendo 15 pais e 15 mães com seus respectivos filhos adotivos (15 sujeitos), da Triagem Psicológica Específica do Grupo de Apoio a Pais Adotivos na Clínica de Psicologia Aplicada da Universidade do Sagrado Coração, Bauru, SP. Os filhos escolarizados pertenciam à faixa etária de 08 a 15 anos, ambos os sexos, com período de convivência com os pais adotivos igual ou superior a dois anos. Ambos os pais, alfabetizados, integravam o Serviço de Triagem Psicológica Específica do Grupo de Apoio a Pais Adotivos da CPA/USC.

Instrumento

Foi utilizado o Inventário de Estilos Parentais – IEP (Gomide, 2006), padronizado e reconhecido para a população brasileira. Ele é composto por 3 (três) protocolos com formas de questionamento semelhantes, contendo 42 afirmações sobre o relacionamento entre pais e filhos, que devem ser respondidas de acordo com a frequência (nunca, às vezes e sempre), categorizadas em 7 práticas educativas, em que duas são referentes às práticas parentais positivas (comportamento pró-social): monitoria positiva e comportamento moral; e cinco práticas parentais negativas (comportamento antissocial): negligência, abuso físico, disciplina relaxada, punição inconsistente e monitoria negativa. Um dos protocolos destina-se aos pais (pai e mãe) para que respondam sobre a sua percepção quanto às práticas parentais utilizadas com seus filhos, e outros dois se destinam à aplicação com a criança, referentes às práticas parentais maternas e paternas. O instrumento de aplicação com os pais visa avaliar a percepção que os pais têm em relação às práticas parentais utilizadas por eles. O instrumento de aplicação com o filho visa avaliar a percepção que este tem das práticas utilizadas com ele.

Delineamento da Pesquisa

- Inicialmente, foram adotados os procedimentos éticos de aplicação em pesquisa com seres humanos (Comitê de Ética em Pesquisa da PRPPG/USC sob nº 137/08).
- Posteriormente, foi feito o agendamento das entrevistas individuais com o pai, mãe e filho, para a aplicação do Inventário de Estilos Parentais; o respondente deveria indicar a frequência com que a figura materna/paterna agia nas situações descritas, mesmo que nunca tivesse ocorrido, utilizando os critérios de aplicação, avaliação e interpretação (IEP – Índice de Estilo Parental), normatizados pelo instrumento.
- As informações foram organizadas em banco de dados, utilizando-se como suporte o Programa Estatístico SPSS/For Windows 11.5. Foi procedida a análise das variáveis por meio da estatística descritiva, determinando a frequência de respostas emitidas pelos sujeitos. Considerado o nível de significância de 5%.

RESULTADOS

Os resultados quantitativos foram elaborados a partir das médias percentuais das práticas positivas e negativas, bem como as médias percentuais dos *IEPs* e a comparação das respostas apresentadas nos diferentes grupos de práticas parentais.

A figura 1 demonstra as médias das práticas parentais apresentadas pelos filhos em relação aos pais (Práticas P. Paternas), dos filhos em relação às mães (Práticas P. Maternas), do autoconceito das mães sobre suas práticas com seus filhos (Auto Aplic. Mãe) e do autoconceito dos pais sobre suas práticas com seus filhos (Auto Aplic. Pai), sendo os grupos A e B referentes a práticas parentais positivas e o restante (C, D, E, F e G) referentes a práticas parentais negativas.

Constatou-se que a prática parental Grupo F (Monitoria Negativa) teve grau elevado de percepção, principalmente no autoconceito das mães. Isto representa o uso maior de monitoria negativa, como o controle excessivo ou estressante, das mães na relação educativa com os filhos.

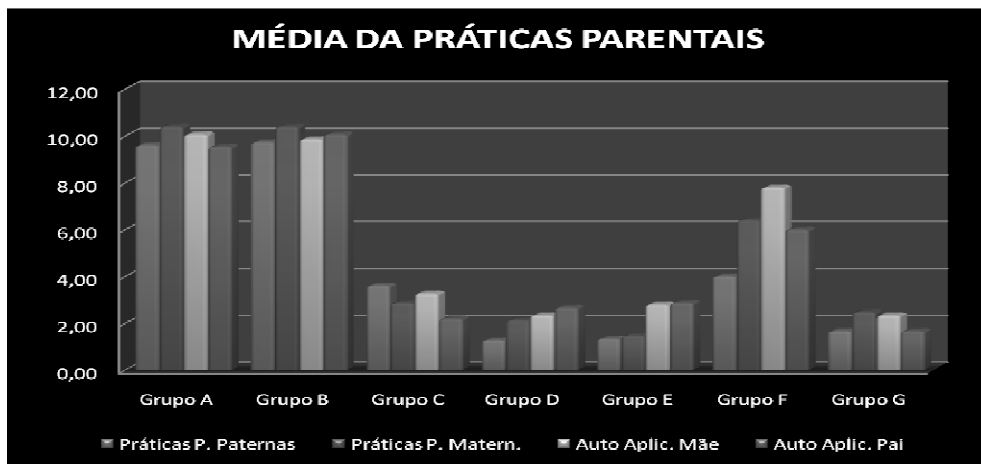


Figura 1 - Representação das práticas parentais dos filhos, pais e mães, nos diferentes grupos: (A) Monitoria Positiva, (B) Comportamento Moral, (C) Negligência, (D) Abuso Físico, (E) Disciplina Relaxada, (F) Monitoria Negativa, (G) Punição Inconsistente.

O estudo demonstrou, também, o uso significativo das práticas parentais positivas, evidenciadas pelas pontuações dos grupos A e B. Assim, verificou-se que no relacionamento dos pais (pai e mãe) houve a utilização de comportamentos assertivos, assistência adequada sem o rigor do controle coercitivo, o que sugeriu estilo parental positivo. No entanto, considerando as pontuações nas práticas negativas (grupos C a G), o estilo parental foi considerado regular (abaixo da média) e de risco.

Considerando a média obtida do índice dos estilos parentais, as mães apresentaram índice baixo, tendo em vista o emprego da monitoria negativa elevada, utilizada por elas.

A Figura 2 demonstra os dados médios do IEP dos participantes do estudo.

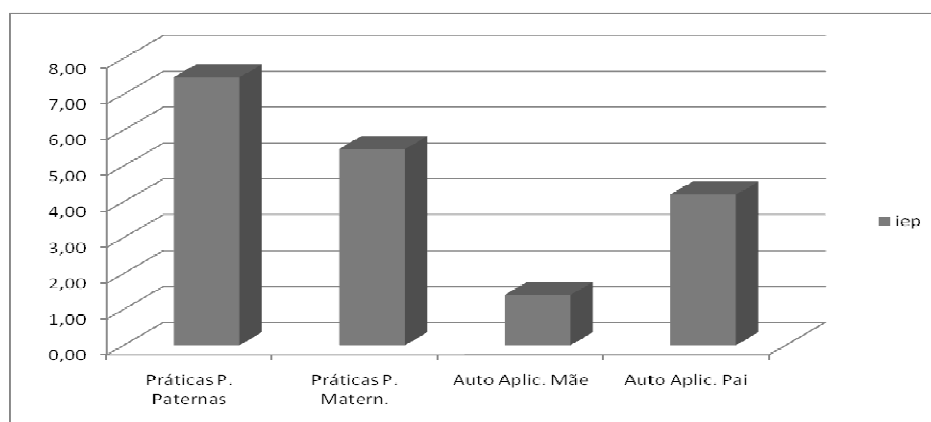


Figura 2 - Média do Índice de estilo parental de pais, mães e filhos.

Em relação à autoaplicação dos pais, as mães apresentaram índice mais baixo, demonstrando que a sua percepção está mais comprometida que a deles. Comparando à percepção que os filhos demonstraram ter sobre as práticas educativas dos pais, apresentaram um conceito mais elevado do que os próprios pais, embora as práticas maternas, para eles, tenham sido caracterizadas como menos eficazes do que as paternas.

A análise estatística demonstrou que as respostas apresentadas pelos participantes no que se refere às práticas parentais positivas não apresentaram correlação significativa.

A Tabela 1 apresenta os achados de correlação estatística dos participantes quanto a utilização de práticas parentais negativas.

PRÁTICAS PARENTAIS NEGATIVAS	Filho referente ao pai.	Filho referente à mãe.	Apontado pelo pai.	Apontado pela mãe
Filho referente ao pai.	1	0,548(*)	0,461	0,354
Filho referente à mãe.	0,548 (*)	1	0,552(*)	0,16
Apontado pelo pai.	0,461	0,552(*)	1	0,637(*)
Apontado pela mãe	0,354	0,16	0,637(*)	1

Tabela 1 - Descrição das correlações entre as somatórias das práticas parentais negativas de pais, mães e filhos. (*) Apresenta significância de correlação.

Notou-se correlação sobre a percepção dos filhos com as práticas das mães em relação ao estilo parental negativo e também sobre o que os pais perceberam de suas práticas negativas.

Com relação às práticas negativas, este estudo demonstrou que filhos e mães têm a mesma percepção quanto às práticas negativas utilizadas por elas. Com isto, vemos que as práticas utilizadas pelas mães e a percepção dos filhos sobre estas têm significância. E que as percepções dos pais (pai e mãe) também se correlacionam, sendo assim, os pais têm a mesma forma de atuação no que se refere a práticas parentais negativas. Pais e mães têm a mesma visão sobre a utilização que fazem sobre suas práticas educativas negativas.

A Tabela 2 demonstra que nos estudos de correlação encontrou-se significância entre os índices de estilos parentais entre os participantes desta pesquisa.

<i>IEP (Filho)</i>	<i>IEP. Filho. Pai</i>	<i>IEP. Filho. Mãe</i>	<i>IEP (pai-mãe)</i>	<i>IEP.pai</i>	<i>IEP.mãe</i>
<i>IEP. Filho.pai</i>	1	0,404	IEP.pai	1	,539(*)
<i>IEP. Filho.mãe</i>	0,404	1	IEP.mãe	,539(*)	1
<i>IEP (filhos-pais)</i>	Iep.filho.pai	Iep.pai	<i>IEP (filhos-mães)</i>	<i>IEP. Filho.mãe</i>	<i>IEP. Mãe</i>
<i>IEP. Filho.pai</i>	1	,592(*)	IEP. Filho.mãe	1	0,11
<i>IEP. Pai</i>	,592(*)	1	IEP. Mãe	0,11	1

Tabela 2 - Representação da correlação dos iep's entre pais, mães e filhos.

As correlações ocorreram entre o IEP que os filhos indicaram sobre seus pais, com a percepção que os eles têm sobre si próprios, ou seja, a percepção dos pais e dos filhos sobre o índice de estilo parental tem significância, demonstrando que pais e filhos têm uma visão similar quanto à atuação destes em suas práticas educativas. Os índices apresentados pelos pais (pai e mãe) sobre as práticas que utilizam com seus filhos também apresentaram nível de significância, demonstrando que eles têm comportamentos similares quanto às práticas educativas utilizadas. Os dados evidenciam não haver correlação entre os índices apresentados pelos filhos em relação às atuações de suas mães e também sobre o índice apresentado pelos filhos em relação às atuações de seus pais.

DISCUSSÃO

No presente estudo, o Estilo Parental dos participantes foi classificado como *regular abaixo da média e de risco*, caracterizando relações prejudicadas quanto à colocação de limites e à determinação de regras aos filhos adotivos. Para tanto, o instrumento indica a participação em grupos de treinamento de pais e programas de intervenção terapêutica para a aquisição de um novo repertório, para assim obter comportamentos mais adequados de pais, mães e filhos.

O fato que corroborou para tal classificação foi a constatação da utilização de Monitoria Negativa pelos pais, na percepção dos participantes do estudo. Verificou-se que os pais, em relatos durante a pesquisa, mencionaram entender ser esta uma prática positiva. Segundo Gomide (2006), esta prática parental utilizada em excesso e de forma inadequada torna-se uma monitoria estressante, interferindo no desenvolvimento psicossocial da criança.

As estratégias coercitivas caracterizam-se, segundo Hoffman (1994), pela aplicação direta da força, incluindo punição física, privação de privilégios e afeto, ou por ameaça de realizar tais punições. Estas técnicas fazem com que a criança controle seu comportamento em função das reações punitivas dos pais. Os baixos índices de estilos parentais apresentados neste estudo foi comprometido pelo uso elevado de práticas negativas, principalmente a monitoria negativa e negligência, o que pode sugerir um bom comportamento do filho, porém reflete uma condição de estar sob a ameaça punitiva.

Outro ponto relevante está relacionado ao autoconceito das práticas parentais utilizadas pelos pais, que na percepção dos filhos é reduzido. Isto indica que os pais se acham mais adequados na utilização de práticas educativas do que seus filhos o percebem. Na comparação entre as percepções dos pais e mães, estas se avaliam mais adequadas que os pais; na percepção dos seus filhos, os pais mostram-se com maior adequação que as mães.

Embora nos resultados fique evidente que, segundo os filhos, as mães apresentam comportamentos mantidos pela utilização das práticas parentais negativas, constatou-se que os filhos são considerados por elas “comportados”, mas estes comportamentos são mantidos por reforço negativo, no qual os filhos se esquivam de coerções. Como apresentado por Catania (1999), em que o comportamento inadequado dos filhos gera um reforçador posterior à punição, que é a atenção dos pais, pode-se inferir que as mães apresentaram mais comportamentos punitivos e práticas educativas negativas, seguida da atenção exigida pelos mesmos. Isto explica porque o índice de estilo parental da mãe, na percepção do filho, foi elevado.

Deste modo, este estudo verificou que mesmo com Índice de Estilo Parental Regular, as mães adotivas fizeram maior uso de práticas parentais negativas, porém, compensado posteriormente com a atenção, reconhecida por ações de cuidados, por vezes exagerados, de perdas e frustrações vivenciadas por esse filho adotivo, na sua história passada. Isto explica o fato de a mãe ter uma autopercepção mais rebaixada, comparada a de seu filho, quanto ao uso das práticas parentais educativas.

Na adoção, as mães criam fantasias sobre o filho idealizado e realizam, frequentemente, uma gestação simbólica, psicologicamente construída, compensando parcial ou até plenamente os anseios da maternidade. Schettini et al. (2006), afirma que essa condição é compreensível, pois os pais, muitas vezes, entram em filas de espera por vários anos e vivem esta fase como um momento de tensão, carregada de expectativas, fantasias, preocupações e esperanças. A maneira como esses sentimentos serão vividos e enfrentados será relevante para a construção de atitudes flexíveis e acolhedoras ou defensivas e de evitação, em relação à escolha efetuada. Isto pode justificar o fato de as mães apresentarem um comportamento baseado em utilização de práticas parentais negativas, mas ser percebida por seus filhos, como gratificantes.

O presente estudo atestou a carência de comportamentos mais assertivos dos pais adotivos, demonstrados pela fragilidade entre as práticas parentais negativas e positivas, uma vez que a maior frequência de alguma delas não é indicação de uma educação eficaz, mesmo que o emprego seja das positivas. Menos ainda, é o uso exagerado de práticas negativas. Para ambas as situações distorcidas, há indicação à participação em grupos de intervenção e acompanhamento destes pais, no período pré e pós adoção, para que, desta forma, possibilitem a educação de princípios importantes à formação de adultos mais adaptados.

CONCLUSÃO

Desta forma, o estudo pode concluir que:

- Pais de filhos adotivos apresentaram estilos parentais, regular abaixo da média e de risco.
- Tanto as figuras parentais maternas quando as paternas apresentaram nível considerado abaixo da média, comparado com outras populações de filhos e famílias constituintes.
- Comparando-se os índices entre pais, mães e filhos adotivos, constatou-se que os pais tiveram um autoconceito equivalente à percepção dos filhos, no tocante ao estilo parental.
- A mesma relação feita com as mães demonstrou níveis mais baixos.
- **Torna-se válida a realização de estudo comparativo, utilizando a população de filhos biológicos.**

REFERÊNCIAS

Baumrind, D. (1971). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.

Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Costa, F. T.; Teixeira, M. A. P. & Gomes, W. B. (2000). Responsabilidade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 13(3).

- Cecconello, A. M.; Antoni, C. & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 18.
- Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de estilos parentais: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Grusec, J. E. & Lytton, H. (1988). Social development: history. *Theory and research*.
- Hoffman, M. L. (1994). Discipline and internalization. *Developmental Psychology*, 30, 26-28.
- Maldonado, M. T. (1987). *Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir*. Petrópolis: Ed. Vozes
- Maturano, E. M.; Linhares, M. B. M. & Parreira, V. L. V. (1993). Problemas emocionais e comportamentais associados a dificuldades na aprendizagem escolar. *Medicina Ribeirão Preto*, 26(2), 161-175.
- Oliveira, A. E.; Marin, A. H.; Pires, F. B. & Frizzo, G. B. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático – recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1).
- Porto, M. & Carvalho, S. (2000). *Primeiro Guia de Adoção de Crianças e Adolescentes do Brasil*. Fundação Orsa.
- Schettini, S. S.; Almeida, M. C. L. & Dias, C. M. S. (2006). Famílias adotivas: identidade e diferença. *Psicologia em estudo*, 11(2).
- Teixeira, M. A. P.; Oliveira, A. M. & Wottrich, S. H. (2006). Escalas de práticas parentais (EPP): avaliando dimensões de práticas parentais em relação a adolescentes. *Rev. Psicologia Reflexão e Crítica*, 19(3).
- Weber, L. N. D. (1999). *Aspectos psicológicos da adoção*. Curitiba: Juruá.
- Weber, L. (2004). Efeito do comportamento moral dos pais sobre o comportamento moral dos filhos adolescentes. Dissertação de Mestrado. Univer. Federal do Paraná, Curitiba.
- Weber, L. N. D.; Selig, G. A.; Bernardi, M. G. & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações – transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia*, 16(35).

ABSTRACT

Education and the establishment of limits to the children, in such a way biological how much adoptive, if it has shown a difficult task, since the conception of family moved. The parental styles are practical the educative ones used for the parents in the education of its children, being able to be practical negative positive or. The study presented here one mentions 15

adoptive families to it, children with median age 11,4 years, which had had minimum period of life together of 2 years. The Inventory of Parental Styles was applied (GOMIDE, 2006). Was verified presence of the practical parental called Negative Monitoring being of the bigger incidence. The searched families fit in the regular parental style, considered under average for this population. Thus, the study it concluded that families with adoptive son present difficulties in the establishment of rules and limits, as the same biological families.

Key - words: parental styles, adoption, positive parental practice, negative, parental practice.

RESUMEN

Temas como educación y establecimiento de límites a los hijos, tanto biológicos como adoptivos, se vienen mostrando una tarea difícil, porque las familias han desarrollado nuevas constituciones. Los estilos paternos son prácticas educativas utilizadas por los padres en la educación de sus hijos, pudiendo ser positivos o negativos. Este estudio ha tenido como objetivo investigar los estilos paternos de padres adoptivos. Participaron 15 familias adoptivas, con hijos presentando edad media de 11,4 años, con período mínimo de 2 años de convivencia. Se aplicó el Inventario de Estilos Paternos (GOMIDE, 2006). Se verificó la presencia de la práctica paterna llamada Monitoreo Negativo, como la de mayor incidencia. Las familias investigadas se encuadran en el estilo paterno de regular, considerado el promedio para esta población. Las prácticas educativas maternas fueron las más comprometidas. Se concluye que las familias con hijo adoptivo presentan dificultades en el establecimiento de reglas y límites, principalmente en lo que se refiere al Monitoreo Negativo y Disciplina Relajada.

Palabras – clave: estilo paterno, adopción, prácticas paternas, familia.